

Falta prudência ao agricultor

BRUNO BLECHER

O produtor brasileiro gasta mal e comete exageros na hora de investir. A advertência é do economista Fernando Homem de Melo, professor da Faculdade de Economia e Administração (FEA) da Universidade de São Paulo.

“Tivemos dois anos excepcionalmente bons em termos de rentabilidade agrícola (2003/2004), com algumas exceções. E, agora, temos um ano ruim, com queda da renda agrícola. O que o agricultor fez com os recursos arrecadados a mais em 2003/2004? Falta-lhe prudência financeira. Ele compra cinco colheitadeiras, em vez de duas. E desperdiça dinheiro comprando terras”, diz Homem de Melo.

Para ele, a cultura do agricultor de prorrogar suas dívidas este ano foi beneficiada pela fraqueza do governo. Com recursos escassos, o governo deveria ter priorizado o Rio Grande do Sul, afetado por forte seca. E não tentar socorrer todos os produtores, como está fazendo.

Homem de Melo dá uma receita para o produtor. Ler mais, consultar as previsões macroeconômicas e, principalmente, ficar de olho no comportamento do câmbio.

Agroanalysis - Depois de três anos de bonança, a agricultura volta à crise, repetindo-se os ciclos de altas e baixas. Quando o setor vai ganhar mais estabilidade?

Fernando Homem de Melo - A agricultura é uma atividade muito sujeita a flutuações. A primeira fonte de risco é a própria natureza, o clima, que, aliás, foi o problema deste ano e de 2004 no Rio

Grande do Sul, afetado pela seca. A outra razão é que, ao contrário das grandes empresas industriais, o agricultor não tem controle sobre os preços que vai receber no momento em que planta. Então, existe uma defasagem de seis a oito meses e, às vezes, de alguns anos. Lógico que há mecanismos de proteção, como o mercado de futuro, mas apenas os empreendedores mais bem-informados



"Há uma queda da renda agrícola. Os 20 principais produtos agrícolas perderam R\$24 bilhões, de 2004 para 2005"

usam o mercado futuro, tanto no Brasil como no exterior. E hoje a grande novidade é o mercado futuro sul-americano da soja. Então, o mer-

cado, com ou sem apoio do governo, vai desenvolvendo alguns mecanismos de proteção contra a flutuação de preços, mas não são para todos os produtos. Por exemplo: não há mercado futuro para mandioca, feijão e hortaliças.

Agroanalysis - No caso dos produtos voltados para o mercado interno, o governo não deveria ter uma participação mais efetiva?

Homem de Melo - Sem dúvida. Existem os mecanismos mais convencionais, como preço mínimo, estoques reguladores; e outros mais modernos, como o contrato de opções. Acho equivocado e pouco eficiente o governo intervir hoje em mercado de produtos comercializados internacionalmente. Não se pode utilizar uma política de preços mínimos para a soja, por exemplo. O momento atual é de queda do preço internacional da soja e com uma acentuada apreciação da taxa de câmbio. A grande maioria dos preços de mercado está abaixo do preço mínimo, em função de duas variáveis, que, além da seca, atuaram drasticamente contra a comercialização agrícola: a queda do preço em dólares e a acentuada apreciação da taxa de câmbio. Nos últimos dois anos, a desvalorização do dólar em relação ao real foi de cerca de 20%, em termos reais.

Agroanalysis - É o câmbio, então, a principal causa desta crise?

Homem de Melo - Não é só o câmbio que afeta os preços agrícolas. Existem três grandes preços na economia. O primeiro e mais importante é o câmbio. O segundo é a taxa de juros que o Ban-

co Central adota, que hoje está em quase 20% para uma inflação de 5%. O terceiro consiste dos salários. Hoje, o salário está em queda

e não é fonte de pressão, mas a comercialização agrícola está sendo bastante prejudicada pela apreciação do câmbio, a queda de preços internacionais e pelos juros extremamente elevados, que impedem qualquer tentativa de se manter estoques mais elevados.

Agroanalysis - E os instrumentos de financiamento que foram lançados pelo governo?

Homem de Melo - Acho que eles são muito bons, mas só quando a taxa de juros cair. Hoje, a melhor fonte de recursos para a agricultura é a do mercado internacional. Grandes empresas exportadoras, *tradings* e indústrias de insumos têm mostrado capacidade de tomar recursos do mercado internacional a juros baixos para financiar a agricultura. Então, o Banco do Brasil, que tem acesso ao mercado internacional, poderia tomar dinheiro lá fora. Mas o problema é a que taxa ele vai emprestar. Grandes cooperativas também podem ir lá fora pegar dinheiro e financiar os agri-

cultores. Mas essa não é uma solução para todo mundo. E é uma solução sujeita a riscos, que foi o que ocorreu em 99, quando houve a mudança do regime cambial. Quem estava endividado em dólares sofreu um grande baque.

Agroanalysis - Qual é o tamanho real desta crise?

Homem de Melo - Houve uma queda da renda agrícola, de acordo com os números do Ministério da Agricultura. Os 20 principais produtos agrícolas perderam R\$24 bilhões, de 2004 para 2005.

Agroanalysis - Mas os produtores não 'fizeram a festa' em 2003/2004?

Homem de Melo - Isso toca em um ponto crucial do procedimento do agricultor brasileiro. Tivemos dois anos excepcionalmente bons em termos de rentabilidade agrícola (2003/2004), com algumas exceções. E agora temos um ano ruim, com queda da renda agrícola. Mas o que o agricultor fez com os recursos arrecadados a mais em 2003/2004? Falta prudência financeira ao agricultor. Este ano, a crise também não foi a mesma para todo o País. Foi mais intensa no Rio Grande do Sul e com menor gravidade no

Paraná, em São Paulo, Minas e no Centro-Oeste. Acho que a prioridade é socorrer o Rio Grande do Sul, e não todo o Brasil, como o governo fez.

Agroanalysis - Como funciona a cabeça do agricultor? Tem

safra em que ele ganha muito dinheiro. Mas quando aparece uma crise, ele corre para pedir prorrogação das dívidas.

Homem de Melo - A cultura do agricultor, de prorrogação de dívidas, este ano, foi beneficiada pela fraque-

"A crise era previsível. Ela já dava sinais no ano passado, no momento do plantio, quando o agricultor brasileiro pensava no plantio da safra 2004/05"

**"É assustador:
o agricultor não
olha o câmbio!
Ele age errado,
é mal-informado"**

za do governo. Isto pode ter facilitado os grupos de pressão. Alguns deles, legítimos, como o Rio Grande do Sul. Outros, não. Com escassos recursos, o governo deveria ter priorizado o Rio Grande do Sul. No mais, cuidar caso a caso. O agricultor gasta mal, comete exageros nos investimentos. Compra cinco colheitadeiras, em vez de duas. Outra grande fonte de desperdício é comprar terras.

Agroanalysis - Há três anos, esta crise já não era previsível?

Homem de Melo - Sem dúvida que era, porque na área de grãos, no caso da soja, houve dois anos consecutivos de quebra na safra norte-americana, que

bio, que hoje está ao redor de R\$ 2,30. É assustador: o agricultor não olha o câmbio.

Agroanalysis - Não olha porque não entende?

Homem de Melo - Ele age errado, é mal-informado. Alguns até são bem preparados. O Banco Central tem um boletim que é publicado toda segunda-feira, que se chama Relatório do Mercado. Todos os produtores com acesso à Internet podem consultar este boletim, que tem apenas três ou quatro laudas, mas com previsões e todas as variáveis macroeconômicas, inclusive a taxa de câmbio para o final de 2005/2006. Essas projeções são

de política agrícola e crédito agrícola, deve aprender a observar e acompanhar variáveis

macroeconômicas. A safra de 2005/2006 não vai ser maravilhosa, é o fundo do poço, mesmo porque a atual política macroeconômica de juros na estratosfera e câmbio apreciado é absolutamente insustentável. Só está sendo sustentada pelas boas condições do mercado internacional.

Agroanalysis - O agricultor tem disponível, hoje, boas informações?

Homem de Melo - O nível de informação melhorou muito, mas ainda tem muita besteira. A Internet sozinha não

resolve o problema. O agricultor precisa aprender a selecionar as informações. Ler jornal também é importante, pois tem um conteúdo analítico. A informação passou a ser

um insumo muito importante. O produtor precisa estudar o câmbio, principalmente a tendência do câmbio.

Agroanalysis - E a agricultura energética. Quando vai começar a ter algum significado no mercado de grãos?

Homem de Melo - O álcool já está tendo. Hoje, o carro bicombustível é um sucesso, mas isto está afetando o mercado internacional de açúcar. O biodiesel é visto com mais reticências. O custo de produção é muito alto. Ainda é muito caro produzir o combustível substituto ou complementar ao diesel, à mistura de 5%. Se o governo não eliminar tributos, o biodiesel será inviável. Mas as experiências devem continuar, principalmente porque existem grandes vantagens ambientais. ■



é o principal produtor mundial. A crise deste ano já dava sinais no ano passado, no momento do plantio. Em meados do ano passado, quando o agricultor brasileiro pensava no plantio da safra 2004/05, o agricultor norte-americano estava plantando, e não havia ocorrido ainda o problema climático. Os preços futuros na Bolsa de Chicago já davam sinais de queda. O segundo ponto: a política de aperto monetário do Banco Central, começou em setembro de 2004 e perdura até hoje. Quando começou, a taxa de juros era 16%. Hoje, está em 19,75%. No mês anterior ao aperto monetário, em agosto de 2004, a taxa de câmbio era de R\$3 o dólar. Portanto, o produtor tomou suas decisões com base nessa taxa. Quando começou o aperto monetário, ele deveria estar olhando o mercado futuro de câmbio.

baseadas em opiniões de mais de 100 instituições e analistas do mercado financeiro, grandes e médios bancos, corretoras, entre outros agentes. São pessoas bem-informadas. A taxa de câmbio para o final de 2005 está prevista em R\$2,50. Para o final de 2006, em R\$2,70. Essa informação precisa ser avaliada pelo produtor, para que ele venha a trabalhar com uma taxa, no ano que vem, de R\$2,60, em média. A trajetória é de queda da taxa de juros no Brasil, mas provavelmente isso vai atrasar. Nos EUA, está em 3,5% há 10 meses. Outra grande variável que o produtor deve aprender a verificar semanalmente são os dados da Balança Comercial, que também já dá sinais de enfraquecimento para o próximo ano. Isso significa menor entrada de dólares e menor pressão sobre a nossa taxa de câmbio. Para resumir, o produtor brasileiro, além